

Apresentação

Que o capitalismo produz, acima de tudo, modos de vida, já é sabido. Marx, ainda no século XIX, já alertava tratar-se o capital de uma relação, e como tal, de uma forma de produzir, mas também de se perceber o mundo. Em um momento em que não apenas o trabalho, mas todas as formas de vida são subsumidas ao capital, as lutas para escapar à totalização e aos processos homogeneizadores daí decorrentes se apresentam como a grande alternativa à unificação operada pelo poder.

Os artigos reunidos no presente eixo temático têm por objetivo apresentar e discutir alguns dos temas caros a essas lutas e seus desdobramentos, tanto para a disposição e a organização das relações de poder, quanto para as construções de saber que dela resultam. Trata-se de um conjunto de artigos que expressa uma multiplicidade de abordagens e uma dispersão de pontos de vista e que, embora partilhando preocupações e até algumas perspectivas semelhantes, abordam essas questões de ângulos diversos.

Essa variedade, no entanto, esconde em seu bojo um atravessamento que parece apontar para uma produção comum, que ressalta justamente os efeitos deletérios que a dinâmica centralizadora do poder tem e continua exercendo sobre as lutas sociais como um todo, e para as lutas das minorias políticas em especial. Lembrando que, como afirma Deleuze, uma minoria não precisa necessariamente estar em menor número para ser considerada como tal. Os textos a seguir abordam de maneiras transversal a temática do racismo, tão comum no Brasil quanto a existência – sempre negada – de uma ligação óbvia entre cor da pele e condição social, por um lado, e por outro o preconceito de gênero e as diversas implicações que ele acarreta – não apenas em termos de mercado de trabalho ou de impacto econômico.

É importante lembrar, porém, que o fato de constituírem minorias políticas não quer dizer tratem-se de conjuntos homogêneos. Menos ainda que as relações no interior desses grupos, se assim se pode chamá-los, seja simplificada pela resistência dialética ou unívoca ao poder. A referência à multiplicidade de abordagens se justifica, portanto, pela preocupação comum a todos os autores e autoras com uma certa revisão conceitual, teórica, e até mesmo política. Nesse sentido, talvez seja mesmo o tempo de acertar as contas com o passado tendo, no entanto, como bem lembra uma das autoras, citando Frantz Fanon, o cuidado de não se deixar capturar por ele.

Pedro Barbosa Mendes